

EPISODIO OITO

NM/ON: Toda canção conta uma história. E essas 101 canções contam a história de um século do sentimento brasileiro. E de todos nós.

CABEÇA

NM/ON: Inspiração para casamentos e revoluções, para encontros e separações, trilha sonora da política e da crônica social, na alegria e na tristeza, a canção é um documento da identidade nacional. Ao longo de um século da nossa história, quando uma música tocou muito no rádio, na televisão, nas ruas e nas casas, tocou o coração do Brasil e se tornou a memória do sentimento coletivo que eternizou canções como

leiteiro: FOLHAS SECAS, NELSON CAVAQUINHO E GUILHERME DE BRITO, 1973

NM/OFF: O que era para ser uma homenagem lírica e nostálgica à Mangueira gerou uma história de traições, brigas e discórdias.

Em 1973, Nelson Cavaquinho e Guilherme de Brito começavam a receber as merecidas flores em vida que a dupla cobrara no samba “Quando eu me chamar saudade”. Suas músicas eram disputadas pelos grandes intérpretes da época, gerando uma fogueira de vaidades. Obra prima da fase madura da dupla, “Folhas Secas” foi gravada simultaneamente por Elis Regina e Beth Carvalho.

Cada vez mais enfronhada entre os bambas do samba e amiga de Nelson, Beth chegou primeiro e reservou a música para o seu novo disco, com arranjos de César Camargo Mariano. A orquestração e o piano ficaram maravilhosos, o problema foi César ser também pianista, arranjador e namorado de Elis Regina.

Encantado com o samba, César mostrou a gravação ao então diretor artístico da Polygram, Roberto Menescal, que também era produtor de Elis. Arrebatado pela canção e atropelando a fila, Menescal decidiu oferecer o samba a Elis.

Furiosa, com toda razão, Beth gravou a música correndo, a tempo de sair junto com a gravação de Elis. Na disputa de egos e de estilos, quem saiu ganhando foi o público. Enquanto Elis deu uma interpretação quase minimalista com um jazz trio, Beth fez versão mais exuberante com a melhor instrumentação tradicional do samba.

Ainda em 1973, o próprio Nelson gravou a sua versão, em seu terceiro álbum solo. Com sua voz rouca, rascante e rachada e o seu improvável violão rústico, tocado com dois dedos, deu ainda mais emoção e

autenticidade à música, lembrando a mocidade e os poetas de sua Estação Primeira de Mangueira.

NM/ON: Depois de quase dez anos de ditadura e censura, a música brasileira encontrava novas formas de oposição, pela ironia e o sarcasmo, ridicularizando os sonhos da classe média no Brasil Grande dos generais.

letrado: OURO DE TOLO, RAUL SEIXAS, 1973

NM/OFF: Pastiche irônico de Bob Dylan e Roberto Carlos, em plena ditadura militar esta balada meio falada ousou questionar, pelo sarcasmo e pelo deboche, o milagre econômico e o Brasil grande da propaganda oficial. Narrada na primeira pessoa, em tom confessional, “Ouro de tolo” desfila as conquistas de um sujeito aparentemente bem-sucedido, com dinheiro no banco, carro do ano, apartamento em Ipanema, mas as realizações dos sonhos de consumo não anestesiavam a indignação do personagem com a miséria, as mentiras e a ilusão que o cercam. Miséria também moral e espiritual de um ser humano ridículo, limitado, que só usa dez por cento da sua cabeça animal.

Sobe som

Instantâneo e retumbante sucesso popular, “Ouro de tolo” transformou Raul Seixas num ídolo pop, graças ao humor contundente da letra, à melodia envolvente e ao arranjo que misturava elementos de balada romântica, folk, toada sertaneja e cordel.

Na virada dos anos 1950 para os 1960, enquanto o mar de jovens talentos corria para o Rio de Janeiro, o jovem Raul Santos Seixas estava ligado ao rock elétrico e foi sócio nº1 do Elvis Presley Fã-club de Salvador. A partir da segunda metade dos anos 1960, quando sua geração começava a conquistar o Brasil nos grandes festivais, Raul ralava no underground

Ainda em Salvador, lançou, em 1968, o disco Raulzito e os Panteras, que passou em branco. Em 1971, o disco coletivo com Sérgio Sampaio, Edy Star e Miriam Batucada já anunciava a mistura explosiva que estava por vir a começar pelo nome: Sociedade Kavernista apresenta Sessão das 10.

O reconhecimento só viria quando Raul classificou duas músicas para a final brasileira do Festival Internacional da Canção, de 1972. O híbrido de rock e baião “Let me sing, let me sing” que ele mesmo cantou com um look Elvis Presley, e “Eu sou eu, Nicuri é o Diabo”, com o grupo Os

Lobos. Não ganhou, mas conquistou o público, a imprensa e foi contratado pela Philips, a principal gravadora da MPB na época.

Assim como o coletivo Kavernista, essas duas canções apontavam para a fusão orgânica de ritmos que o lançamento do compacto com “Ouro de tolo”, consolidou em 1973, abrindo caminho para o revolucionário álbum Kri-ha, Bandolo, que explodiu meses depois. Sinônimo de rock no Brasil, ele criou seu próprio e inconfundível estilo que até hoje ecoa no grito de guerra de seus fãs em shows de qualquer artista: Toca Raul!

E Raul continua tocando.

NM/ON: Como um autointitulado magro abusado e um farsante que se finge de cantor e compositor para enganar o público, ele estava em transformação permanente e misturava ritmos diferentes e idéias libertárias e provocativas.

leiteiro: METAMORFOSE AMBULANTE, RAUL SEIXAS, 1973

NM/OFF: Sem se deixar iludir pelo ouro de tolo do sucesso, Raul se reinventava para continuar sendo Raul. Destaque do seu primeiro álbum solo, Krig-ha, Bandolo!, a balada existencialista “Metamorfose ambulante” é o autorretrato de um artista em eterna revolução interna. Uma carta de intenções anunciando seus planos de voo livre, apostando nas contradições como uma das chaves para lidar como um mundo em movimento. Aos 29 anos, quando se tornou parceiro de Paulo Coelho, Raul foi apresentado por ele às drogas, a seitas exotéricas e ao pensamento místico do satanista inglês Aleister Crowley.

Da maconha ao ácido e à cocaína, do chá de cogumelo ao mandrix, Paulo Coelho conta que apresentou a Raul o coquetel completo que lhe abriu as portas da percepção para a revolução comportamental sonhada pela contracultura. Mas lhe arreventou o fígado e os pulmões.

O primeiro álbum solo de Raul teve outros grandes sucessos populares, como “Ouro de Tolo”, “Mosca na sopa”, “Rockixe”. Mas, foi “Metamorfose ambulante a música que melhor expressou a atitude, a natureza e o estilo de Raul, com sua letra confessional, analítica e debochada.

Sobe som

Um sucesso espetacular que ultrapassava de longe suas melhores expectativas, mas que não fazia a cabeça de quem achava chato chegar a um objetivo num instante. Preferindo ser uma metamorfose ambulante, Raul encontrava lucidez na loucura, expandindo sua consciência na efemeridade dos sentimentos, da vida e da glória.

Deu seu recado anárquico e irônico, e passou como um cometa. Raul morreu dormindo em 1989, aos 44 anos, sem jamais acreditar no personagem. Sempre dizia que não era um cantor nem um compositor, simplesmente, um ator fazendo esses papéis, nada além um magro abusado. E Raul continua tocando ...

NM/ON: Da mistura da cultura judaica com o expressionismo alemão e os tambores do candomblé nasceu um dos mais originais compositores brasileiros, um filósofo e pensador que mistura a alta cultura com os ritmos populares.

leiteiro: MARACATU ATÔMICO, JORGE MAUTNER E NELSON JACOBINA, 1974

NM/OFF: Filho de um judeu austríaco e de uma católica iugoslava refugiados do nazismo, o poeta, romancista e filósofo Jorge Mautner nasceu no Rio de Janeiro, em 1941, onde foi batizado no mundo do candomblé pelas mãos de sua babá, que era uma ialorixá. Aos sete anos, se mudou para São Paulo, com a mãe e o segundo marido, um violinista. Estudioso de Marx e Nietzsche, surgiu como um fenômeno ao ganhar, aos 21 anos, o maior prêmio literário brasileiro, o Jabuti, com seu romance de estreia, "Deus da chuva e da morte". Comunista, foi preso depois do golpe de 1964 e se exilou em Nova York, onde viveu a explosão do rock, e em Londres, onde se aproximou de Gilberto Gil e de Caetano Veloso.

Mautner já tinha lançado um compacto simples, com as músicas "Radioatividade" e "Não, não, não", quando voltou ao Brasil em 1966 para encontrar seu parceiro ideal, o violonista carioca Nelson Jacobina. Em 1974, Gil deu aval à qualidade da dupla gravando "Maracatu atômico" com grande execução nas rádios. Enquanto a música de Jacobina modernizava a batida do maracatu pernambucano, a letra de Mautner fundia o atômico ao primitivo e o humor pop ao expressionismo alemão. Uma mistura de aparente complexidade que resultou num grande sucesso. Simples assim.

Sobe o som

Maior revelação da música brasileira nos anos 1990, os pernambucanos Chico Science e Nação Zumbi produziram uma sensacional releitura da música de Jacobina e Mautner, com um heavy maracatu futurista, com base rítmica ultrapesada, envolvida pelos timbres rascantes das guitarras e dos beats eletrônicos. Com seus tambores tribais e conexões digitais,

Maracatu Atômico sintonizou o movimento Mangue Beat, celebrando a diversidade da aldeia global para se tornar um clássico do pop brasileiro.

NM/ON: Um ano depois da explosão do Maracatu Atômico o Brasil pôde enfim ouvir falar seu nome. Se sentindo velho e acabado diante do espelho, aos 32 anos Genival Cassiano, na verdade, estava diante da beleza e pungência de uma canção que resiste ao tempo.

leiteiro: A LUA E EU, CASSIANO E PAULO ZDANOWSKI, 1975

NM/OFF: Uma balada soul romântica envolvente e totalmente fora dos padrões da época. Com harmonia sofisticada e letra sofrida, soava tão estranha quanto familiar, cantando o desencanto para celebrar o vigor de um novo gênero musical. Negra e dolorida, assim como os sambas-canção de Lupicínio Rodrigues, a soul music de Genival Cassiano saía das margens da sociedade para o centro da sala de jantar da família brasileira, em horário nobre, na frente da TV. Incluída na trilha da novela O Grito, da TV Globo, “A lua e eu” estourou nas rádios brasileiras em 1976 e toca até hoje no fundo da alma musical brasileira.

Para o compositor que esperava pelo pior aos 32 anos, a balada dilacerada foi apenas o grand finale, a faixa de encerramento de um álbum definitivo. Terceiro disco solo de Cassiano, Cuban Soul é um marco do perfeito encontro do soul e do R&B com as harmonias jazzísticas do samba-canção e da bossa nova. Definitivamente, não estava acabado nem sozinho. “A lua e eu” é uma das oito parcerias com Paulo Zdanowski incluídas no disco que emplacou outros sucessos, como Onda e Coleção, regravada por Ivete Sangalo nos anos 1990.

Apesar dos temores do compositor, o envelhecimento fez bem à sua obra. Ano após anos, “A lua e eu”, continua em qualquer programação de flash-back, entrou no repertório de cantores da noite e ganhou o selo de música brasileira da mais alta qualidade na regravação da diva Nana Caymmi, em 1997.

Nascido em Campina Grande, o paraibano Genival Cassiano se mudou para o Rio de Janeiro com a família ainda menino. Trabalhava como ajudante de pedreiro até poder viver da música que aprendeu em casa. Incentivado pelo pai, formou com os irmãos o Bossa Trio em meados dos anos 1960. Já com os Diagonais, gravou dois álbuns solo.

O reconhecimento viria no álbum de estreia de Tim Maia, em 1970, em que Cassiano emplacou dois grandes sucessos, “Primavera” e “Eu amo

ocê”, em parceria com Silvio Rochaél, e ainda atacou de guitarrista e backing vocal. Pedreiro que ergueu as fundações da soul music brasileira, Cassiano não tinha razões para se sentir velho e muito menos acabado.

NM/ON: Ele desenvolveu, como nenhum compositor brasileiro, uma habilidade especial de dar voz às mulheres, em canções arrebatadoras de paixão e abandono que arrebatam os corações de homens e mulheres.

leiteiro: OLHOS NOS OLHOS, CHICO BUARQUE, 1976

NM/OFF: Além de todo o seu talento com as palavras e as melodias, Chico Buarque desenvolveu ao longo de sua carreira uma capacidade para fazer música não só sobre mulheres, mas pelas mulheres, falando por elas e dando-lhes uma voz, várias vozes.

Nenhum compositor, nem seu mestre Vinícius de Moraes, mergulhou mais fundo nos mistérios da alma feminina e expressou melhor os desejos e sentimentos das mulheres. Chico foi a mulher submissa que ama e espera o marido boêmio em “Com açúcar e com afeto”, que fez sob encomenda de Nara Leão, em 1966. Se virando pelo avesso, compartilhou a dor e o desespero da mulher abandonada na devastadora “Atrás da porta”, parceria com Francis Hime, potencializada pela gravação passional de Elis Regina.

No musical Calabar, Chico foi uma mulher que ama outra mulher. Pelos seus versos, a guerreira “Bárbara” fez Ana de Amsterdã “ceder à tentação das nossas bocas cruas e mergulhar no poço escuro de nós duas”. No papel da protagonista rodriguiana de “Mil perdões”, a poesia de Chico completa a inversão de gêneros e valores, perdendo o marido por trai-lo. Mulher de várias faces, Chico também é daquelas que só dizem sim até descartar o amante na noite seguinte, como página virada do seu Folhetim.

São muitas as mulheres criadas por ele. Mas, além desse conhecimento dos desvãos da alma feminina, Chico sabe exatamente aonde a fala de suas mulheres vai bater, onde os homens mais sentem, a ferida aberta, que arde e lateja a cada palavra, lembrança, mentira ou traição.

Com tantas canções com o melhor e o pior do amor do ponto de vista feminino, “Olhos nos olhos”, de 1976, é a que mais querida. Em grande parte, pela interpretação de Maria Bethânia, vivendo visceralmente o melodrama da mulher abandonada que deu a volta por cima e mudou de vida depois que foi bem mais e melhor amada por mil homens. Mas deixa aberta uma fresta para uma volta.

Nos diversos personagens femininos que ele criou, as mulheres se sentem representadas. E os homens sofrem com as mulheres de Chico.

NM/ON: Capaz de tirar várias vidas da cartola, o poeta da Mangueira era um mágico do samba. Com o dom da invisibilidade, desaparecia por anos a fio para voltar cada vez melhor. Quando o espetáculo parecia estar chegado ao fim, o coração bateu outra vez, cheio de esperança para o recomeço.

leiteiro: AS ROSAS NÃO FALAM, CARTOLA 1976

NM/OFF: Com fluidez, lirismo sintético e o uso perfeito do idioma culto, a letra desse samba está à altura de qualquer mestre da poesia parnasiana. Nascido na França, no fim do século XIX, e referência da literatura brasileira até a revolução estética da Semana de Arte Moderna de 1922, o estilo estava entre as referências de Cartola, o genial sambista, que teve direito a uma segunda grande chance na vida

Samba lento, em clima de choro, lançado em disco por Beth Carvalho em 1976 e logo em seguida pelo próprio Cartola, “As rosas não falam” é fruto dessa volta por cima do poeta e baluarte de Mangueira. Depois de um início promissor entre os bambas do samba, nos anos 1930 e 1940, Cartola sumiu por mais de uma década e foi dado como morto. Encontrado lavando carros em Botafogo pelo cronista Sérgio Porto, em 1956, voltou a fazer sucesso e a viver da música a partir da gravação de “O Sol nascerá”, por Nara Leão.

No início dos anos 1960, comandou com a mulher Zica o restaurante musical Zicartola, que se tornou um templo do melhor samba do Rio, antes de cair novamente no esquecimento. Mas, voltou na década 1970, com um baú cheio de novas e surpreendentes músicas, ainda mais bem-acabadas e sofisticadas do que seus primeiros sucessos. Valorizado por gravações de Paulinho da Viola, Beth Carvalho e Clara Nunes, o novo repertório ganhou ainda mais personalidade na interpretação do próprio autor, que gravou seu primeiro disco solo em 1974, com pérolas como a confessional “Teve sim” e a canção de despedida “Acontece”

No segundo disco, gravado dois anos depois, havia outros clássicos, como “O mundo é um moinho”, “Cordas de aço”, “Sala de recepção”, “Peito vazio” e “Ensaboá”, regravada com sucesso por Marisa Monte em 1990 numa empolgante levada afro-pop. No meio de um repertório luxuoso, “As rosas não falam” exalam o perfume parnasiano francês com notas de samba, suor e favela.

NM/ON: Carregando no corpo e na alma os exageros do amor e da boemia, Cartola era o melhor intérprete para suas canções. Apesar da curta extensão vocal, usava a voz da experiência para atingir todas as gerações.

leiteiro: O MUNDO É UM MOINHO, CARTOLA, 1976

NM/OFF: Numa idade em que o brasileiro caminhava para aposentadoria, aos 67 anos, Cartola mantinha acesa a chama da criação. Entre os mais belos sambas que compôs para o seu segundo disco solo, o “Mundo é um moinho” é o clássico dos clássicos.

O tom é coloquial, como uma conversa de alguém bastante sofrido e experiente, alertando sua jovem interlocutora sobre o mundo impiedoso que, como um moinho, vai triturar os seus sonhos e reduzir suas ilusões a pó.

O autor sempre negou que a letra tão íntima e confessional fosse autobiográfica ou confessional, com tantas de suas canções. Contava que teria se inspirado em uma desilusão amorosa, mas de sua enteada, filha de Dona Zica, para criar a canção.

Uma curiosidade na gravação original de Cartola é a participação do então iniciante Guinga. É dele o violão na marcante introdução, ao lado da flauta de Altamiro Carrilho. Antes de se consagrar como compositor, Guinga era um dentista que se dividia entre o consultório e a música. Talvez a companhia de Cartola tenha destruído as ilusões do jovem dentista, fazendo nascer um músico, e que músico!, em tempo integral.

Um ano após ser lançado pelo próprio autor, em 1976, “O mundo é um moinho” ganharia versão memorável de Beth Carvalho no disco Nos Botequins da Vida. À partir daí, muitas gravações se seguiram, até chegar ao roqueiro Cazuza, dando novo sentido e reafirmando a abrangência da obra de Cartola. Definhando em público, com a coragem de quem lutava contra a Aids, mesmo sabendo que iria perder, Cazuza gravou o Mundo é um moinho deitado, com a voz fraca e debilitada. É mais emocionante do que nunca. Ainda era cedo para o poeta de 32 anos, mas Cazuza evocou Cartola para anunciar a hora de partida e cantar o fim das ilusões da juventude.

ENCERRAMENTO

NM/ON: Na verdade, não existem as melhores canções, as mais bonitas ou as mais importantes, essas 101 que tocaram o coração do Brasil representam a qualidade e a diversidade de gênios e de gêneros na

música brasileira, que fizeram delas a trilha sonora de nossa história. No próximo episódio, entrando na segunda metade dos anos 1970, a oposição à ditadura tomava novas formas. Entre algozes e vítimas, a juventude libertária ainda vivia como seus pais. No lugar do retrato em preto e branco de uma realidade binária, uma explosão de luz e cores mostrava que era possível ser feliz, apesar de tudo, nos embalos do Frenetic Dancing Days.